



A MUSICOTERAPIA COMO FONTE INTERDISCIPLINAR NO AMBIENTE ESCOLAR

MUSIC THERAPY AS AN INTERDISCIPLINARY SOURCE IN THE SCHOOL ENVIRONMENT

Gabriela Leis Euzito Silva

Facultad Interamericana de Ciencias Sociales – FICS
gabriela_musicista@hotmail.com

Maxwell Ferreira Silva

Facultad Interamericana de Ciencias Sociales – FICS
max_fsilva@hotmail.com

RESUMO - O presente artigo visa demonstrar a aplicabilidade da Musicoterapia na área da Educação, analisando as contribuições ao qual pode oferecer ao ambiente educacional junto aos discentes com dificuldades no processo de ensino-aprendizagem, buscando atender as ditas normativas, assim como as que apresentam algum diagnóstico clínico. Metodologicamente, realizou-se um estudo bibliográfico realizando leituras pertinentes à temática em foco, tendo como referência pesquisadores como: Barcellos, Bruscia, Zamprónha, Millecco, dentre outros.

Palavras-chave: Música. Musicoterapia. Interdisciplinaridade.

ABSTRACT - This article aims to demonstrate the applicability of Music Therapy in the area of Education, analyzing the contributions that it can offer to the educational environment among students with difficulties in the teaching-learning process, seeking to meet these standards, as well as those that present some diagnosis. Methodologically, a bibliographical study was carried out, making pertinent readings to the subject in focus, having as

reference researchers such as: Barcellos, Bruscia, Zampronha, Millecco, among others.

Keywords: Music. Music therapy. Interdisciplinarity.

1. Introdução

Segundo educadores, a realidade no processo de ensino-aprendizagem de crianças com dificuldades escolares, já se tornou demasiadamente preocupante no meio educacional, uma vez que o objetivo das instituições é sempre conseguir alcançar a todos os discentes, de forma com que todos possam aprender e desenvolver suas habilidades. Porém é cada vez mais notável a presença de alunos que necessitam de uma formação ou um apoio diferenciado, que possa atender as suas necessidades de desenvolvimento.

Acredita-se que a música está inserida no ambiente escolar a todo o instante, sendo por vários motivos, objetivos e potencialidades, acreditando no seu poder de transformar o indivíduo ou apoiar o trabalho do professor em sala de aula, como afirma BRITO (2003). Podemos estar em contato com a música em diversas fases da vida, em diferentes formas e ocasiões, sendo independente da cultura ou do meio social que a pessoa vive. “É difícil encontrar alguém que não se relacione com a música de um modo ou de outro: escutando, cantando, dançando, tocando um instrumento, em diferentes momentos e por diversas razões”. (BRITO, 2003, p.31). Tendo em vista a importância da música, este artigo busca ponderar alternativas para a melhoria no ensino-aprendizagem de crianças com dificuldades no período escolar, sejam elas consideradas normativas ou com algum diagnóstico específico. Assim, a pesquisa objetiva alternativa que visam o avivamento do educando, através de intervenções que englobam um acompanhamento junta a criança e a todo corpo docente que irá recebê-la. O artigo se baseará em uma pesquisa bibliográfica, acreditando que através das literaturas pertinentes ao tema proposto, consigamos demonstrar o poder da interdisciplinaridade da música, visando uma equipe multidisciplinar no ambiente educacional, trazendo como alternativa para esse acompanhamento a musicoterapia e suas contribuições para o desenvolvimento no

processo de ensino, assim como para a vida coletiva e social do educando.

2. A Musicoterapia no Ambiente Escolar

A inquietação com as diversas dificuldades voltadas a aprendizagem dos educandos, vem causando várias reações e pensamentos que buscam mecanismos que possam ajudar nesse processo, não somente no contexto família/criança, mas também no corpo docente, buscando propostas educacionais que abrangem as necessidades ao qual o método geral de ensino, porventura, não há atende.

Segundo a pesquisadora Elisama Barbosa Brasil (2010), na maioria das vezes, as crianças com dificuldades na aprendizagem permanecem na escola sem conseguirem produzir o que é esperado pedagogicamente, apresentando déficits cognitivos ou não. A causa de maior preocupação dos educadores é quando a criança não possui motivos aparentes ou lesões cerebrais para tais dificuldades no desempenho escolar. Sobre essa dificuldade na aprendizagem, Cruz (1999) afirma que “O campo das Dificuldades de Aprendizagem gera controvérsias por sua complexidade conceitual, por diferenciadas denominações e hipóteses etiológicas, e por diversificadas proposições interventivas” (CRUZ, 1999 apud BRASIL, 2010, p. 87).

Existem diversos fatores que podem contribuir para as dificuldades de aprendizagem, sendo estes influenciadores nas características emocionais e no desenvolvimento da criança, podendo haver distintas formas para estimular esse desenvolvimento. Assim, faz-se necessário levantar alternativas que busquem avivar o aluno, para que ele mesmo possa ajudar no caminho que melhor irá fazê-lo desenvolver. Por meio de intervenções que busquem um acompanhamento, desenvolvendo as potencialidades da criança, juntamente visando um acolhimento por parte da equipe multidisciplinar, abrangendo não somente as crianças consideradas normativas, mas também as que apresentam necessidades especiais mentais, sensoriais ou físicas, que estão cada dia mais presentes no ambiente educacional. Como afirma Santos (1997, p. 9), os problemas de aprendizagem “não são causados por um único fator determinante. Seu surgimento resulta de uma série de fatores concomitantes”. A autora ao defender a ampliação do campo dos tratamentos afirma que, “a própria condição multifatorial de seus determinantes,

neste caso, do “não aprender”, confere à dificuldade de aprendizagem, a necessidade terapêutica variada e pluridimensional” (SANTOS, 1997, p. 17).

Sabe-se que a música vem sendo bastante utilizada nas escolas, seja por professores específicos de música ou por profissionais das demais disciplinas que a utilizam como apoio para suas aulas. Acreditando que a música pode ser um auxílio ou um estimulador quanto a cognição ao aprendizado, quanto a expressão corporal e sonora, quanto ao aspecto motor e físico, as relações interpessoais, dentre outros;

(...) ressaltamos que a música, como prática humana, é instância privilegiada da socialização. Por seu potencial para desenvolver diferentes capacidades cognitivas, motoras, afetivas, sociais e culturais de crianças, jovens e adultos, a música se configura como veículo fundamental para se alcançar as finalidades almejadas pela LDB (DEL-BEN, 2010, p. 90).

Tendo em vista a importância da música no processo de ensino-aprendizagem e o desenvolvimento dos discentes, vários autores enfatizam o seu uso como uma ferramenta importante para o ensino. Como afirma a musicista Zampronha (2007) em sua obra “Da música: seu uso e recursos”, versando como a música pode ser um agente facilitador no processo educacional, relacionando-a com o desenvolvimento da percepção, da inteligência, da memória, da expressão e de tantas outras habilidades. Zampronha afirma que “é possível verificar o desenvolvimento das funções psíquicas através da música”. (ZAMPRONHA, 2007, p.01).

Acreditando ainda que o poder da vivência musical acrescenta experiências potencializadas para o desenvolvimento do educando, pois “a música não se constitui apenas um recurso de combinação de sons, mas especialmente de expressão, gratificação e realização”. (ibid., p.98)

Assim, a vivência musical é um fator que pode contribuir para a expressão dos sentimentos ou opiniões de cada pessoa, acrescentando valores na subjetividade do indivíduo. É uma forma de ampliar o desenvolvimento global, o processo de ensino aprendizagem e a cognição, abrangendo toda a complexidade e a pluralidade do ser humano, abarcando também o campo social e afetivo.

Desde sempre é possível identificar a interdisciplinaridade da música, pois ela se apresenta em diversos campos da vida humana. Assim, segundo Bruscia (2000), a música pode apresentar-se em distintos aspectos, como na física que leva em conta os atributos objetivos do produto musical, a definindo com as relações

estruturais e a organização entre os sons e os eventos temporais; a psicologia observa como estes atributos objetivos do som são experimentados pelo ouvinte e pelo músico; a antropologia olha para a origem da música em cada cultura e o que há de comum entre elas; a sociologia observa os papéis e as funções da música na sociedade, assim como o seu significado coletivo; a filosofia compara a música com a linguagem, a comunicação e a outras produções artísticas, a define de acordo com sua singularidade. Assim, diante dos fatos apresentados, pode-se acreditar que a Musicoterapia tem muito a contribuir no processo de ensino-aprendizagem e na vida escolar/social dos educandos. Podendo ser pensada como uma prática interdisciplinar no ambiente educacional, como uma forma interativa e conjunta, proporcionando em todo o contexto das instituições de ensino uma convivência e interações com novos pensamentos, culturas e ideias, visando interligar os processos de ensino já existentes com novas experiências que visam o enriquecimento das propostas para amenizar as dificuldades de aprendizagem vivenciadas pelos alunos.

Acreditando ainda na disparidade de olhares nas mais variadas áreas de conhecimento, Bruscia (2000) confia que a música só tende a melhorar o trabalho em grupo, aprofundando o conhecimento, uma vez que possibilita diferentes profissionais atuando conjuntamente em prol do mesmo objetivo.

Contudo, a Musicoterapia pode fornecer um acompanhamento no desenvolvimento, potencializando as habilidades e proporcionando o avivamento das dificuldades apresentadas por cada indivíduo, seja ele diagnosticado com alguma necessidade especial ou considerado “normativo”. Essas experiências musicoterápicas visam agregar um ambiente onde o (s) participante (s) possa se expressar musicalmente sem um pré-julgamento de seus atos, utilizando de recursos práticos e específicos que iram auxiliar no desenvolvimento das potencialidades.

Segundo Barcellos (1999), através do “fazer musical” – ato criativo entre o musicoterapeuta e o(s) participante(s) – utilizando desde o corpo até os instrumentos sonoros e, acrescento, vivenciando diversas formas expressivas tais como, o desenho, a escrita, e a leitura, inter-relacionados com as experiências musicoterápicas, acredita-se quebrar barreiras e abrir novos canais de comunicação; desenvolvendo ou recuperando potenciais e funções do indivíduo, proporcionando-lhe melhor qualidade de vida, e facilitando suas facilidades e o seu desenvolvimento a partir de experiências criativas (BRASIL, 2010, p. 88).

A prática musical apresenta uma vasta possibilidade de experiências musicais que podem ser influenciadoras diretas na aprendizagem e no desenvolvimento infantil ou do ser humano como um todo. Isto se faz pela amplitude de subjetividades que a música pode apresentar para cada indivíduo, trazendo sentimentos, emoções e lembranças únicas para cada pessoa. Assim, percebe-se o quanto a musicoterapia pode prover ao ambiente escolar, enriquecendo o desenvolvimento de diversas habilidades interpessoais e capacidades psíquicas dos indivíduos, observando-o na sua individualidade e agregando valores sociais e culturais ao qual cada um traz consigo.

A fim de apresentar a Musicoterapia na Educação em geral, e especificamente no ambiente escolar segue a definição da World Federation of Music Therapy.

Musicoterapia é a utilização da música e/ou os elementos musicais (som, ritmo, melodia e harmonia) pelo musicoterapeuta e pelo cliente ou grupo, em um processo estruturado para facilitar e promover a comunicação, o relacionamento, a aprendizagem, a mobilização, a expressão e a organização (física, emocional, mental, social e cognitiva) para desenvolver potenciais e desenvolver ou recuperar funções do indivíduo de forma que ele possa alcançar melhor integração intra e interpessoal e conseqüentemente uma melhor qualidade de vida (RUUD, 1998 apud BRUSCIA, 2000, p. 286).

Millecco (2001, p.80) define a Musicoterapia como “uma terapia auto expressiva, que estimula o potencial criativo e a ampliação da capacidade comunicativa, mobilizando aspectos biológicos, psicológicos e culturais”.

Segundo a Federação Mundial de Musicoterapia (1996), de acordo com a Associação Portuguesa de Musicoterapia, APMT, há a seguinte definição:

“Musicoterapia é a utilização da música e/ou seus elementos (som, ritmo, melodia e harmonia) por um musicoterapeuta qualificado, com um cliente ou grupo, num processo para facilitar e promover a comunicação, relação, aprendizagem, mobilização, expressão, organização e outros objetivos terapêuticos relevantes, no sentido de alcançar necessidades físicas, emocionais, mentais, sociais e cognitivas. A musicoterapia objetiva desenvolver potenciais e/ou restabelecer funções do indivíduo para que ele/ela possa alcançar uma melhor integração intra e/ou interpessoal e, conseqüentemente, uma melhor qualidade de vida pela prevenção, reabilitação ou tratamento.”

Ainda sobre as definições da musicoterapia, Bruscia (2000) afirma que há distintas definições, sendo que cada uma irá pensar sobre um ponto específico da

música, seus aspectos terapêuticos, sobre a terapia e “como a música se relaciona com ela, e por que as pessoas precisam de música e de terapia para se manterem saudáveis” (BRUSCIA, 2000, p. 4).

A Musicoterapia na área educacional permite ao indivíduo experimentar diversas sensações que fornecem o crescimento criativo e expressivo, além de promover o reconhecimento próprio e suas possibilidades de movimentação e interação social. As produções criativas, utilizando-se dos elementos musicais como os sons melódicos e rítmicos, o corpo e todos os elementos que podem contribuir para produção, permitem romper barreiras e ativar relações individuais, sociais, coletivas e comunitárias. Podendo proporcionar ao indivíduo um ambiente sem julgamentos pré-formados do certo/errado ou o que pode/não pode, que na grande maioria das vezes, os alunos com dificuldades sociais, comportamentais e cognitivas já carregam um pesar sobre esses julgamentos informais, assim o processo musicoterápico o ajudará a se enxergar por outros ângulos, que não só as dificuldades, mas ampliando suas percepções de suas habilidades, aprimorando a autoestima, a comunicação, a participação ativa e produtiva. Como afirma Guerra (2002), acreditando que a criança é um ser dotado de capacidades, “é dinâmico, aberto para a possibilidade de progresso e sucesso, (...) apontando para dificuldades que podem ser superadas, ... ‘desabilidades’ a serem transformadas em habilidades” (GUERRA, 2002, p. 12).

Assim, acredita-se que através das experiências musicoterapêuticas seja possível tornar o ambiente escolar um espaço mais humanizado, que propicia não somente o crescimento educacional, mas também pessoal e social.

Desta forma, pode-se entender que a musicoterapia no ambiente educacional deve atuar de forma preventiva, sendo um mediador das relações sociais, assim como no processo de ensino aprendizagem. Segundo Barcellos (1999) o musicoterapeuta deve estar sempre atendo no seu papel dentro da instituição, visando que sua atuação perpassa o intuito educacional, agregando todas as questões política e sociais acarretadas ao indivíduo a ser atendido no processo, da mesma forma que interage com todos os envolvidos no corpo institucional, abarcando toda a equipe pedagógica, família e a sociedade em si, podendo assim, possibilitar a transformação da realidade a qual estão inseridos.

3. Processos Musicoterápicos na Área Educacional

O musicoterapeuta Kenneth Bruscia (2000) relaciona uma lista de áreas de atuação onde a musicoterapia pode ser implantada, sendo mais comum essa implantação na área da saúde, educação e no campo social. Apesar de serem facilmente permeáveis, podem-se observar interesses distintos em relação aos objetivos terapêuticos às práticas clínicas aplicadas a cada uma delas individualmente. Assim, a presença de um musicoterapeuta em uma instituição de ensino, como já foi apresentado neste artigo, muito pode enriquecer uma equipe multidisciplinar. Buscando um olhar diferenciado para auxiliar os discentes que necessitam deste apoio, assim como proporcionar uma vivência preparativa ao corpo institucional.

Através de estudos feitos por pesquisadores sobre os efeitos da vivência musical sobre a criança em idade escolar, é possível verificar que essas vivências tribuam com a educação em geral, trazendo ao discente, ganhos extramusicais como disciplina, criatividade, concentração, expressão, afetividade, desenvolvimento das funções cognitivas, entre outros. Esses estudos podem ser evidenciados na Educação Musical, assim como na Musicoterapia, pois ambos atribuem semelhanças no que diz respeito ao desenvolvimento do indivíduo ao ser exposto a vivências musicais, porém o que diferencia as duas práticas são as alternativas para se alcançar os resultados. Zamprona (2007) aponta que o educador musical utiliza como objetivo a música no sentido de uma educação formativa, 'profissional', enquanto o musicoterapeuta utiliza o som, a música e seus aspectos, sejam eles convencionais ou não, em prol de estabelecer a comunicação do cliente com o meio e com toda a sociedade em si.

Segundo Barcellos (1992), a Educação Musical propõe-se a seguir um currículo pedagógico, assim como outras disciplinas oferecidas aos alunos. A Musicoterapia não atua de acordo com um prazo pré-determinado, pois ela visa respeitar as limitações dos pacientes e o tempo que ele necessita para realizar determinadas funções. Assim, a finalidade da musicoterapia não é o produto de fazer música e sim todo o seu processo.

Ainda sobre a vivência musical, Zamprona (2007) expressa que as mesmas são favoráveis tanto no sentido acadêmico e intelectual, como também sob a perspectiva de que os aspectos musicais presentes no fazer musical aproximam os

alunos da produção cultural e do convívio em outros meios a partir da música. As atividades interativas, as vivências, devem ser tratadas sempre com objetivos clínicos pelo terapeuta, e ser passada a frente esses objetivos aos responsáveis do educando, assim como para a equipe envolvida, pois muita das vezes as práticas podem ser vistas como “brincadeira”, principalmente pelas crianças onde os objetivos musicoterápicos são alcançados naturalmente. Assim, toda experiência deve ser pensada e realizada com os objetivos e análises já pré-estabelecidas e após verificar e analisar o processo, e discorrer o que se foi potencializado.

Contudo, o musicoterapeuta faz uso de métodos como a audição de músicas, a improvisação, recriação musical e a composição (BRUSCIA, 2000) para trabalhar o desenvolvimento das necessidades que forem atribuídas ao cliente, assim como potencializar suas habilidades já existentes. Esses métodos e suas distintas técnicas visam trabalhar aspectos como a espacialidade, lateralidade, independência, relaxamento físico, socialização, expressividade, identificação, memória, proatividade e comunicação

Na música, há quatro tipos distintos de experiências. São elas: improvisar, re-criar (ou executar), compor e escutar. Cada um desses tipos de experiência musical possui suas próprias características particulares e cada uma delas é definida por seus processos específicos de engajamento. Cada tipo envolve um conjunto de comportamentos sensório-motores distinto, requer diferentes tipos de habilidades perceptivas e cognitivas, evoca diferentes tipos de emoções e engaja em um processo interpessoal diferente (BRUSCIA, 2000, p. 121).

Bruscia (2000) explica que nas experiências de improvisação, o cliente realiza o processo tocando um instrumento musical, cantando, criando melodias, ritmos ou uma canção a partir do improviso, podendo improvisar sozinho, em grupos (que inclui o musicoterapeuta) ou com a família. Assim, pode-se utilizar qualquer meio sonoro, que esteja dentro da capacidade do cliente, como meio da improvisação. O musicoterapeuta age como um intermediador do processo, oferecendo o apoio necessário, como fazer demonstrações, informações, apresentar uma estrutura musical, estimular ou guiar a improvisação, podendo essa mediação ser verbal ou não verbal.

Segundo BRUSCIA (2000, p. 124), podem estar incluídos os seguintes objetivos nessas experiências de improvisação:

- Estabelecer um canal de comunicação não verbal e uma ponte para a comunicação verbal;
- Dar sentido a auto expressão e à formação de identidade;
- Explorar os vários aspectos do eu na relação com os outros;
- Desenvolver a capacidade de intimidade interpessoal;
- Desenvolver habilidades grupais;
- Desenvolver a criatividade, a liberdade de expressão, a espontaneidade e capacidade lúdica.
- Estimular e desenvolver os sentidos;
- Desenvolver e estimular habilidades perceptivas e cognitivas

Nas experiências re-criativas, o cliente realiza atividades musicais estruturadas, como jogos, dinâmicas ou brincadeira onde ele pode representar comportamentos ou realizar papéis que foram previamente definidos pelo musicoterapeuta, assim como pode aprender ou executar músicas instrumentais, vocais ou até mesmo, qualquer tipo de representações musicais que apresentem um modelo. Na musicoterapia, re-criativo apresenta um termo mais abrangente do que somente apresentar, pois esse termo implica cantar ou tocar algo para uma “plateia”. O método inclui experiências como representar, executar, transformar e reproduzir qualquer forma ou parte de um modelo musical, seja para um público ou não. (ibid., p. 126)

Bruscia (2000, p.126), afirma que essas experiências possibilitam ao cliente.

- Desenvolver habilidades sensório-motoras;
- Promover comportamento ritmado e a adaptação;
- Melhorar a atenção e a orientação;
- Desenvolver a memória;
- Promover a identificação e a empatia com os outros;
- Desenvolver habilidades de interpretação e comunicação de ideias e de sentimentos;
- Aprender a desenhar papéis específicos nas várias situações interpessoais;
- Melhorar e aprimorar as habilidades interativas e de grupo.

Acredita-se que os clientes que melhor se adaptam a essas experiências são aqueles que necessitam de um apoio para desenvolver comportamentos e

habilidades específicas, que necessitam entender e se adaptar às ideias e sentimentos dos outros, assim como sua própria identidade.

Nas experiências de composição, Bruscia (2000) indaga que o musicoterapeuta ajuda o cliente a escrever canções, letras ou peças instrumentais, criar vídeos ou áudios com algum produto musical feito por ele, com o intuito de expressar algo que seja necessário ao cliente. O musicoterapeuta intercede na produção, a fim de realizar os processos mais técnicos da música ou até mesmo ajudar na composição, ou na execução da mesma.

Os principais objetivos, segundo Bruscia (2000, p. 128) são:

- Desenvolver habilidades de planejamento e organização;
- Desenvolver habilidades para solucionar problemas de forma criativa;
- Promover a auto responsabilidade;
- Desenvolver a habilidade de documentar e comunicar experiências internas;
- Promover a exploração de temas terapêuticos através das letras das canções;
- Desenvolver a habilidade de integrar e sintetizar partes em um todo.

Dentre as variações estão incluídos: Paródias de canções, escrever canções, composição instrumental, atividades de notação e colagens musicais. Nas experiências receptivas, o cliente ouve música e responde a experiência de forma silenciosa, verbalmente ou da maneira que melhor o identifica. A música pode ser utilizada ao vivo ou por gravações, sendo composições do cliente, do musicoterapeuta, músicas de preferência do cliente ou diversos estilos musicais. (ibid., p. 128)

Os principais objetivos terapêuticos, segundo Bruscia (2000, p. 129)

- Promover a receptividade;
- Evocar respostas corporais específicas;
- Estimular ou relaxar;
- Desenvolver habilidades áudio-motoras;
- Evocar estados e experiências afetivas;
- Explorar ideias e pensamentos;
- Facilitar a memória, as reminiscências e as regressões;
- Evocar fantasias e a imaginação;
- Estabelecer uma conexão entre o ouvinte e o grupo comunitário ou sociocultural;

- Estimular experiências espirituais.

A experiência de ouvir pode focalizar os aspectos emocionais, físicos, intelectuais e espirituais da música, como explica Bruscia (2000). Os clientes indicados a este tipo de experiências são aqueles que necessitam de desenvolver habilidades na atenção e na receptividade, assim como os que beneficiarão terapeuticamente em responder aos sentidos da música de forma específica.

Contudo, podemos observar a vasta possibilidade de procedimentos que podem ser utilizados para contribuir no crescimento da vida escolar/social de cada indivíduo que se propuser as experiências musicoterápicas, em especial aos discentes com dificuldades no ensino-aprendizagem. Cada criança traz consigo objetivos e características próprias, com objetivos clínicos bastante particulares, assim podemos fazer uso de todos esses métodos musicais relacionados por Bruscia (2000), adaptando cada experiência as necessidades e habilidades de cada indivíduo. Assim como os diversos métodos, a musicoterapia pode atuar em distintas áreas como na área hospitalar, psicoterapêutica, cura, ecológica e dentre outras, a área musicoterápica ao qual as instituições de ensino e o tema proposto melhor se encaixa é na área didática, que buscam práticas onde o foco é ajudar com que o cliente adquira habilidades, comportamentos e conhecimentos necessários para o seu desenvolvimento. Em todas essas práticas, já mencionadas a cima, sempre haverá pelo musicoterapeuta uma forma de ensinar algo, porém de uma forma terapêutica, levando um aprendizado ao cliente.

Segundo Bruscia (2000, p. 167), há cinco orientações de aprendizagem utilizadas nesta área de prática. São elas:

- Desenvolver conhecimentos e habilidades musicais por si próprias, como parte integrante da vida funcional e da adaptação social;
- Desenvolver conhecimentos e habilidades musicais que envolvem ou se generalizam para áreas não musicais de funcionamento;
- Utilizar a música e atividades correlatas como um apoio ao aprendizado não musical;
- Utilizar o aprendizado musical como contexto para a terapia;
- Utilizar as experiências de musicoterapia para formar, treinar e supervisionar estudantes e profissionais.

A musicoterapia na área escolar visa ampliar as experiências musicais para

além das finalidades educacionais da música. A interação musical estabelecida entre o cliente/musicoterapeuta e o cliente/música possibilita aos alunos uma vasta comunicação de pensamentos e sentimentos, podendo ele se expressar com maior facilidade através das melodias e ritmos. Desta forma, segundo Zampronha (2007), ao apropriar-se do contato com experiências de identidade, o aluno pode encontrar alternativas, na linguagem musical, para estender sentido e significado a suas vivências individuais e coletivas.

Considerações Finais

Compreendemos que as dificuldades de aprendizagem estão cada dia mais presentes no âmbito escolar e que existem diversos fatores que contribuem para essas dificuldades, assim observamos a necessidade de buscar alternativas para amenizar e desenvolver as habilidades dos alunos, além de buscar o avivamento das dificuldades encontradas em cada discente. A pesquisa propôs buscar como alternativa, através de propostas bibliográficas, a utilização da música como um caminho intermediário da musicoterapia juntamente com a equipe pedagógica institucional, para proporcionar aos educandos, seja com dificuldades fisiológicas/metabólicas ou não, um acompanhamento específico para ajudá-lo no processo de ensino.

Assim, foi possível perceber quão enriquecedor pode ser o trabalho de um musicoterapeuta em uma equipe multidisciplinar, agindo como um facilitador no processo educacional, ativando o desenvolvimento da percepção, da inteligência, da expressão, da memória, entre outras habilidades. Observando ainda, que a vivência musical acrescenta experiências que influenciam diretamente nos sentimentos e nas opiniões de cada pessoa, acrescentando valores aos mesmos. Contudo, foi possível perceber que para o processo se concretizar e haver melhorias é necessário que haja uma ação interativa e conjunta de todos os componentes da instituição de ensino, pois assim a musicoterapia age como um mediador para novas experiências e agrega pensamentos aos processos já existentes.

Percebe-se que a prática musicoterápica possui uma vasta possibilidade de experiências musicais, isso por sua amplitude de entendimentos e sensações. Assim a musicoterapia utiliza-se de diversos métodos que trabalham experiências com

objetivos específicos as necessidades de cada indivíduo, permitindo que ele experimente diversas sensações, promovendo o reconhecimento próprio e suas habilidades, permitindo romper barreiras e ativar relações sociais e coletivas. Proporcionando ao indivíduo um ambiente sem julgamentos e assim, aprimorando a autoestima do discente. Verificou-se que o musicoterapeuta deve atuar no ambiente educacional de forma preventiva, mediando às relações interpessoais no que se refere a toda equipe pedagógica, família e a sociedade em um todo.

Referências

- Associação Portuguesa de Musicoterapia – APMT. Disponível em <<https://www.apmtmusicoterapia.com/o-que---a-musicoterapia-csgz>>. Acessado em 25 de fev. 2018.
- BARCELLOS, Lia Rejane Mendes. **Cadernos de Musicoterapia. v. 1.** Rio de Janeiro: Enelivros, 1992.
- BARCELLOS, Lia Rejane Mendes. **Cadernos de Musicoterapia 4.** Rio de Janeiro: Enelivros, 1999.
- BRASIL, Elisa Barbosa. **Contribuições da musicoterapia no acompanhamento de crianças com dificuldade de aprendizagem em leitura: um projeto de pesquisa.** X SEMPEM – Seminário Nacional de pesquisa em música. Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2010.
- BRITO, Teca Alencar de. **Música na educação infantil: propostas para a formação integral da criança.** São Paulo: Peirópolis, 2003.
- BRUSCIA, Kenneth E. **Definindo musicoterapia,** Rio de Janeiro, Enelivros, 2000.
- DEL-BEN, Luciana. **Audiência pública: políticas de implementação da Lei Federal nº 11.769/08.** Revista da ABEM, Porto Alegre, nº 23, 84-94, 2010.
- GUERRA, Leila Boni. **A criança com dificuldades de aprendizagem: considerações sobre a teoria modos de fazer.** Rio de Janeiro: Enelivros, 2002.
- MILLECCO, Luis Antônio. **É preciso cantar - Musicoterapia cantos e canções.** Rio de Janeiro, Enelivros, 2001.

PORTO, Ludmilla de Souza. **Musicoterapia com crianças de 06 a 07 anos em escola de ensino regular numa abordagem sócio-interacionista**. Monografia (Graduação em Musicoterapia) – Escola de Música e Artes Cênicas, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2006.

SANTOS, Jussara Ferreira. **A contribuição da Musicoterapia no trabalho com crianças com problemas de aprendizagem**. 1997. Monografia apresentada ao curso de Musicoterapia. Universidade Católica de Salvador. Salvador, 1997.

ZAMPRONHA, Maria de Lourdes Sekeff. **Da música: seus usos e recursos**. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

Gabriela Lelis Euzito Silva: Mestrando em Ciências da Educação pela FICS – Facultad Interamericana de Ciencias Sociales, Especialista em Música e Artes pela Faculdade Futura, ICETEC, Brasil, Especialista em Musicoterapia pelo ISEAC – Instituto Superior de Educação de Afonso Cláudio, Graduada em Licenciatura em Música pelo CBM-CEU – Conservatório Brasileiro de Música-Centro Universitário/RJ. <http://lattes.cnpq.br/4312607962503893>. Contato: gabriela_musicista@hotmail.com.

Maxwell Ferreira Silva: Mestrando em Ciências da Educação pela FICS – Facultad Interamericana de Ciencias Sociales, Especialista em Música na Educação pela FACL – Faculdade de Tecnologia de Cachoeiro de Itapemirim, Especialista em Música e Artes pela FAVENI – Faculdade Venda Nova do Imigrante, Graduado em Licenciatura em Música pelo CBM-CEU – Conservatório Brasileiro de Música-Centro Universitário/RJ. <http://lattes.cnpq.br/3390581861256474>. Contato: max_fsilva@hotmail.com.